



# CONEPÉ 2021

## 8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021

ISSN 2525-975X

### Representações e Vozes Indígenas nos Documentários “Amazônia Sociedade Anônima” e “A Última Floresta”

I.P. Casemiro\*

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro

\*italopc12@gmail.com

#### Resumo

Os documentários têm despontado como um gênero fílmico único para apresentar diferentes temas de forma crítica e autoral. Por outro lado, a participação indígena em meios de comunicação tem sido uma demanda antiga, que ganhou espaço em meios alternativos, tais como os documentários. Neste sentido, o presente estudo busca compreender a participação indígena em dois documentários brasileiros acerca da questão ambientalista contemporânea: “A Última Floresta” e “Amazônia S/A”. Os documentários analisados revelam que, para além da representação da cultura indígena, os espaços e protagonismo dado aos indígenas nestes documentários, apresenta uma produção de fala direta e não apenas mediada por outros agentes. Além do retrato de anos de luta pelo reconhecimento de direitos, os documentários apresentam uma perspectiva original das formas como os indígenas compreendem o mundo e os impactos da ação predatória do homem sobre as florestas.

**Palavras-chave:** Indígena, Comunicação, Documentário.

#### 1. Introdução

Minorias são apropriadas de diferentes formas na atual sociedade midiaticizada. Mulheres, negros, o público LGBTI+, comunidades tradicionais, indígenas entre tantos outros, são muito pouco retratados em espaços midiáticos ou em muitas das vezes por meio de estereótipos.

Muitas vezes, especialmente quando se trata do saber indígena sobre questões ambientais, o que se nota é o que Santos (2009) denomina como “epistemicídio”, isto é, o extermínio através da morte política e cultural de grupos subjugados como forma de garantir e conservar sua subordinação. O indígena, por exemplo, é “historicamente sujeito estigmatizado e formado conforme os desejos sociais hegemônicos: comumente são observados como sujeitos carentes da tutela estadista, da catequização crista, do controle ruralista.” (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 64). Neste sentido, tradicionalmente, a mídia veicula o indígena como um ator subalterno e silenciado (BRAGA; CAMPOS, 2012).

A democratização da comunicação é uma demanda antiga dos movimentos sociais brasileiros, inclusive o movimento indígena. Para Mattelart (2009), a importância de se democratizar a comunicação, está atrelada à diversificação do conhecimento e, neste sentido, os saberes indígenas encontram-se marginalizados dentro das grandes mídias.

Neste contexto, os documentários são uma modalidade fílmica muito utilizada para registrar percepções de sujeitos e grupos sociais. Uma característica dos documentários, é a experiência dos participantes com as temáticas tratadas, ou seja, “personagens sociais que vivem e/ou viveram determinada situação” (MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p. 6). Este tipo de recurso de mídia, tem sido uma forma eficiente para retratar temas que são caros às grandes mídias e veículos de imprensa. Além de ser um espaço para retratar com mais profundidade diferentes temáticas, também há espaço para a participação de diferentes partes interessadas.

Tendo em vista a relevância da produção do tipo documentário, o presente estudo busca compreender a participação indígena em dois documentários brasileiros acerca da questão ambientalista: “A Última Floresta” e “Amazônia S/A”. A opção por documentários nacionais,



é que estes são uma forma de retratar fatos de maneira muito própria a temática ambiental, diferentemente de produções de outros países, tais como os Estados Unidos.

## **2. Materiais e Métodos**

Por conta do perfil crítico e documental, para a análise proposta neste estudo, foram escolhidos dois documentários recentemente produzidos no Brasil sobre a questão ambiental na Amazônia. Estes documentários são: “A Última Floresta” (2020) e “Amazônia Sociedade Anônima” (2019) ou simplesmente, “Amazônia S/A”.

Para a análise dos documentários, recorreremos aos apontamentos de Mombelli e Tomaim (2014). Segundo estes autores, a análise fílmica de documentários busca compreender a narrativa do filme e sua composição como produto final. Já Vanoye e Goliot-Lété (2002) entendem a análise fílmica como uma decomposição dos elementos que constituem um filme ou fragmento. Desta maneira, estes autores indicam duas etapas para se analisar filmes, uma descritiva e outra interpretativa. Na descritiva busca-se obter um conjunto de elementos distintos do filme em análise e, na etapa interpretativa busca-se estabelecer conexões entre os elementos vistos anteriormente de forma isolada, no intuito de compreender seus significantes (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002).

Como a proposta é analisar a questão da participação, além da análise fílmica, também utilizamos as ferramentas analíticas propostas por Carpentier (2018), para a análise de processos midiáticos participativos.

Por fim, para auxiliar nas análises dos documentários, iremos nos apoiar em alguns conceitos do pesquisador Boaventura de Souza Santos, tais como o conceito de “ecologia de saberes” (SANTOS, 2009) e, a ideia de “sociologia das ausências” e de “sociologia das emergências” propostas por este autor (SANTOS, 2002).

## **3. Resultados e Discussão**

As obras selecionadas, tratam de “feridas” que assolam as populações indígenas, desde o início de processos de povoamentos da região amazônica brasileira, em meados da década de 1970 como forma de desenvolver e integrar esta região ao restante do país. Mas, tais “feridas” não afetam apenas os indígenas, mas todo o planeta, se pensarmos as repercussões da destruição da Amazônia para o ecossistema planetário.

O documentário “Amazônia S/A” de 72 minutos, lançado em 2020 tem a direção e roteiro de Estêvão Ciavatta e conta com a participação da liderança indígena Cacique Juarez Saw Munduruku (ECOFALANTE, 2021a). Já o documentário “A Última Floresta” também lançado em 2020 e com 74 minutos de duração, tem a direção de Luiz Bolognesi e o roteiro deste em parceria com a liderança indígena Davi Kopenawa Yanomami (ECOFALANTE, 2021b). O documentário teve como uma de suas fontes de inspiração o livro de autoria Davi Kopenawa, intitulado “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami” (KOPENAWA; ALBERT, 2019).

No caso do “A Última Floresta” cabe destacar o papel dos próprios indígenas na produção do documentário. Além disso, a presença feminina é outro aspecto que se sobressai em ambos os documentários. Seja na representação ou na participação na produção, como no caso de “Amazônia S/A”, que contou com a participação do Coletivo Audiovisual Munduruku, que é um coletivo composto em sua maioria por mulheres, foi responsável pela produção de imagens da ação de grileiros e madeireiros ilegais (GLOBO IMPRENSA, 2020).



# CONEPE 2021

## 8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

*de 22 a 26 de novembro de 2021*

ISSN 2525-975X

A “Última Floresta”, é um documentário, que foi escrito em parceria com um indígena. O longa-metragem foi dirigido pelo cineasta Luiz Bolognesi, que escreveu o roteiro em parceria com a liderança indígena Davi Kopenawa Yanomami. O documentário retrata o cotidiano de uma comunidade da etnia Yanomami e retrata, em especial a problemática da exploração de recursos minerais. Apesar de ser um documentário que retrata os hábitos e costumes dos indígenas Yanomami, o mesmo apresenta um perfil de denúncia ao revelar a atuação de garimpeiros na região da Terra Yanomami, que fica entre os Estados de Roraima e do Amazonas.

Diferentemente do documentário “A Última Floresta”, o documentário “Amazônia S/A” retrata a luta do povo Munduruku para demarcar suas terras no sudoeste do Pará. Enquanto no primeiro, a terra indígena já é reconhecida, mas não é respeitada por invasores, no segundo caso ainda se busca esse reconhecimento. O documentário registra a atuação do povo Munduruku ao longo da BR 163, que liga os Estados do Mato Grosso e do Pará.

Tendo em vista a ativa participação dos indígenas em ambos os processos, tanto como atores, como também atuando na produção dos dois documentários, nota-se uma participação maximalista, que de acordo com Carpentier (2011) permite relações de poder mais equilibradas entre diferentes atores e grupos. Ao dar mais espaço para o indígena, os documentários promovem um espaço para mudança social na comunicação, por meio da ampliação de vozes ocultas ou negadas e aumentando a visibilidade destes (VALDÉS; SALA, 2017).

Os documentários narram fatos de duas etnias distintas, localizadas em Estados diferentes da Amazônia, mas que apregoam valores semelhantes de preservação da natureza. Ambos documentários, possuem uma intensa participação dos indígenas de forma protagonista, ao retratar duas identidades, formas de ver o mundo e suas mazelas por conta da destruição da natureza pelo homem. Para além de apresentar a cultura, ambos os documentários apresentam a luta diária dos indígenas, contra atores que estão fora da lei: garimpeiros, grileiros, entre tantos outros.

#### 4. Conclusões

Ao buscar e dar espaço ao saber indígena, documentários como “A Última Floresta” e “Amazônia S/A” auxiliam na busca por um mundo mais plural, onde todos os saberes desempenham um papel relevante para a direção que queremos para o futuro do planeta. Além de cumprirem um papel inicial de denunciar a fragilidade da Amazônia brasileira, perante a governança estatal, e aos ideais neoliberais e seus efeitos deletérios.

Como visto, ambos os documentários tratam do que Santos (2002) denominada da “sociologia das emergências”, ao ampliarem simbolicamente uma realidade específica, no caso, as injustiças, crimes e destruição da natureza e dos direitos de povos originários. Por outro lado, também nota a ideia da “sociologia das ausências”, quando os documentários apresentam objetos impossíveis em possíveis e elementos ausentes em elementos presentes, por exemplo, apresentando novas formas de se pensar a sustentabilidade e novas visões sobre a relação do homem com a natureza, a partir da visão dos Yanomami e dos Munduruku.

Cabe lembrar que, historicamente há pouca visibilidade a causa indígena em torno dos problemas ambientais e das perspectivas de projetos desenvolvimentistas nacionais. O retrato do indígena ou é feito de uma forma muito romantizada ou apenas ilustrativa, sendo que, nos documentários analisados, para além disso, há um espaço para um diálogo mais igualitário



# CONEPE 2021

## 8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021



ISSN 2525-975X

com outras vozes em busca de um diálogo mais plural sobre os rumos que devemos dar ao planeta e o cuidado que devemos ter com ele e seus recursos, o que pode ser sintetizado nas palavras de Krenak (2020, p. 13) “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”.

### Agradecimentos

Não houve fomento para a pesquisa.

### Referências

- [1] BASTOS, Pablo Nabarrete; NASCIMENTO, Letycia Gomes. Etnocomunicação Ancestral e Decolonial: Uma Análise Sobre a Webrádio Yandê. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 19, n. 33, 2020.
- [2] BRAGA, Claudomilson Fernandes; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Invisíveis e subalternos: as representações sociais do indígena. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 499-506, 2012.
- [3] CARPENTIER, Nico. Além da escada da participação: Ferramentas analíticas para a análise crítica dos processos midiáticos participativos. **Mídia e Cotidiano, Revista do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 3, p. 245-274, 2018.
- [4] CARPENTIER, Nico. Entre formas minimalistas e maximalistas de participação midiática. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, p. 269-284, 2011.
- [5] ECOFALANTE. 2021a. **Amazônia Sociedade Anônima**. Disponível em: <https://ecofalante.org.br/filme/amazonia-sociedade-anonima>. Acesso em: 14 ago. 2021.
- [6] ECOFALANTE. 2021b. **A Última Floresta**. Disponível em: <https://ecofalante.org.br/filme/a-ultima-floresta>. Acesso em: 14 ago. 2021.
- [7] GLOBO IMPRENSA. ‘Amazônia Sociedade Anônima’ estreia em agosto no Canal Brasil e Globoplay. 2020. <https://imprensa.globo.com/programas/globoplayinstitucional/textos/amazonia-sociedade-anonima-estreia-em-agosto-no-canal-brasil-e-globoplay/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- [8] KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- [9] KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020b.
- [10] MATTELART, Armand. A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 1, p. 33-49, 2009.
- [11] MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 1-17, dez. 2014.
- [12] SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237-80, 2002.
- [13] SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-72.
- [14] VALDÉS, Sala; SALA, Cristina. La Comunicación para el Cambio Social: una mirada participativa al concepto de desarrollo. **Janus 2017-A comunicação mundializada**, 2017.
- [15] VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.